

SUMÁRIO

PRÓLOGO	7
INTRODUÇÃO – O CALVINISMO HOJE	9
PARTE UM – O SURGIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DO CALVINISMO NA MODERNIDADE	17
1. Origem e desenvolvimento do Calvinismo	19
João Calvino	19
A expansão do Calvinismo a partir de Genebra	22
A preocupação de Calvino com a unidade da igreja	24
2. A consolidação doutrinária do Calvinismo	29
Os cinco pontos do Calvinismo	29
O Calvinismo puritano	30
O desenvolvimento puritano da teologia calvinista	34
3. A influência cultural do Calvinismo	41
Calvino e a cultura	41
O Calvinismo e o espírito do capitalismo	46
4. Movimentos calvinistas e pseudocalvinistas na modernidade	51
O escolasticismo calvinista	52
A Escola de Princeton	55
O liberalismo teológico	60
A neo-ortodoxia	64
O fundamentalismo	67
5. O kuyperianismo e o auge do Calvinismo na modernidade	71
Calvinismo atualizado	71
O conceito de apologética	73
PARTE DOIS – A PÓS-MODERNIDADE E SEUS DESAFIOS PARA O CALVINISMO	77
1. Choque de cosmovisões	81
O humanismo renascentista	81
O racionalismo iluminista	83
O projeto do Iluminismo	86
O desencanto pós-modernista	90
2. As duas vertentes pós-modernas	93
Pós-modernidade desconstrucionista	93

Pós-modernidade construtiva	103
Avaliação das pós-modernidades	112
3. Propostas de relacionamento com a pós-modernidade	119
Aceitação simples	120
Negação simples	123
Aceitação crítica	125
Por onde começar?	127
PARTE TRÊS – O CALVINISMO, O NOVO CALVINISMO E A BUSCA POR RELEVÂNCIA NA ATUALIDADE	131
1. O novo Calvinismo e a pós-modernidade	133
O surgimento do novo Calvinismo	134
O novo Calvinismo e os jovens	136
Os principais expoentes do novo Calvinismo	137
As diferenças entre o novo Calvinismo e o Calvinismo tradicional	151
O novo Calvinismo e a situação do mundo evangélico atual	155
Complementos necessários ao novo Calvinismo	160
2. Para uma cosmovisão <i>ainda mais</i> reformada	169
A prioridade de Deus	170
O valor do ser humano	174
A importância do mundo	176
3. Os maiores desafios para o Calvinismo hoje	181
A questão da Bíblia	181
A importância da confessionalidade	189
O dilema do culto	192
Os desafios da evangelização	202
CONCLUSÃO	217
BIBLIOGRAFIA	219
Material impresso	219
Material virtual	227
Notas	229

1

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO CALVINISMO

O Calvinismo é um dos braços da Reforma Protestante do século 16 que foi liderado por João Calvino (1509-1564) e que se estendeu inicialmente na Europa do Norte, depois nos Estados Unidos e, finalmente, no mundo todo. Essa tradição (reformada – calvinista) não pretende ser a única tradição protestante e muito menos a única cristã, mas ela “reivindica ser uma forma autêntica da comunidade cristã, com sua força e também com suas fraquezas e problemas” (Leith, 1997, pág. 32).

A Reforma Protestante do século 16 foi um movimento de busca e retorno ao cristianismo original. Como assinala Leith, “nenhum protestante, anglicano, reformado ou luterano dataria a origem da igreja a partir do século 16” (1997, pág. 35). Por isso, o movimento protestante do século 16 foi uma reforma e não um começo. E, como tal, o movimento se predispõe a sempre se reformar.

O que hoje se chama de cosmovisão reformada nada mais é do que o desenvolvimento do Calvinismo aplicando sua teologia a todas as esferas da vida.

João Calvino, o grande sistematizador da Reforma Protestante, produziu uma vasta obra teológica por meio de comentários da Sagrada Escritura, tratados teológicos, sermões e cartas. Sua obra magna, as *Institutas*, é geralmente considerada a maior obra teológica da Reforma Protestante e uma das mais importantes da história. Calvino, apesar de ter baseado parte de sua teologia na do célebre Agostinho, é considerado o pai da Teologia Reformada, e é comum pensar que todo o sistema reformado depende dos ensinamentos do Reformador de Genebra, pelo menos como ponto de partida.

João Calvino⁸

João Calvino (em francês, Jean Cauvin) nasceu em 10 de julho de 1509 em Noyon, na França, uma cidade situada a cerca de 100 km a nordeste de Paris. Ele tinha mais quatro irmãos. Foi batizado na paróquia de Saint-Godeberte, da qual seus pais eram paroquianos. Sua mãe, Jeanne, morreu quando Calvino tinha 5 ou 6 anos de idade. Calvino foi um menino que recebeu educação liberal, e, aos 12 anos, seu pai, Gerard Cauvin, que sempre prestou serviços ao bispo local após se tornar seu assistente administrativo, conseguiu para o filho

um benefício eclesiástico que lhe deu condições de estudar. Para usufruir o benefício, Calvino precisou ingressar numa ordem menor, tornando-se sacristão, e recebeu a tarefa de cuidar de um dos altares da catedral de Noyon. Aos 14 anos, seu pai o enviou para a Universidade de Paris, o centro intelectual da Europa Ocidental, onde obteve o título de Mestre em Artes. A intenção principal do pai de Calvino era que o filho se tornasse um advogado, e Calvino, em princípio, seguiu o desejo de seu pai, estudando Direito nas Universidades de Orleans e Bourges, nas quais obteve seu doutorado. Foi ali que ele adquiriu seu conhecimento de grego e dos livros clássicos. A formação jurídica de Calvino foi muito importante para o seu futuro trabalho de Reforma. Nesse tempo, Calvino era um perfeito humanista e, de certo modo, ele nunca deixou de ser.⁹ Esse aspecto humanista marcou sua obra de Reforma.

Quando seu pai morreu, em 1531, Calvino se sentiu livre para escolher seu próprio destino. Em princípio, decidiu se dedicar aos estudos literários, sendo que sua primeira obra foi um comentário sobre *De Clementia*, de Sêneca, publicada em abril de 1532. Nesse tempo, ele teve acesso aos escritos de Martinho Lutero. Calvino começou a se envolver no movimento protestante em 1533, quando provavelmente passou pela experiência da conversão. Ele mesmo chamou essa conversão de “conversão repentina” no seu comentário dos Salmos. Provavelmente seu primo Robert Olivétan tenha contribuído bastante para a sua conversão. Em princípio, Calvino não se afastou da Igreja Romana, até que, em 2 de novembro de 1533, repudiou Roma e se aliou à igreja da Reforma, provavelmente por ter participado como coautor de um discurso de ideologia claramente protestante que um amigo seu, Nicholas Cop, recém-eleito reitor da Universidade de Paris, proferiu na abertura do ano letivo e que chocou a audiência. A partir desse dia, Calvino não foi mais bem-vindo em Paris. Em maio de 1534, retornou a Noyon para renunciar ao benefício que tinha usufruído por 13 anos. Era seu desligamento completo de Roma. Por essas atitudes, sofreu algumas perseguições, tendo de fugir da França. Sua vida depois disso sempre seria de refugiado. A partir de então, começou a escrever as *Institutas*. Dois anos depois, fixou-se em Basileia, Suíça, e publicou a primeira edição das *Institutas* em março 1536, o que lhe deu a condição de líder da Reforma Protestante Francesa. Esse livro se tornou um *best-seller* da noite para o dia, sendo distribuído por toda a Europa e se tornou a obra mais influente da Reforma Protestante de todos os tempos.

Quando viajava de Paris para Estrasburgo em 1536, em busca de sossego, Calvino foi impedido de continuar viagem em virtude de manobras militares dos exércitos de Francisco I e do imperador Carlos V. Assim, teve de fazer um desvio para o sul e passar uma noite em Genebra que, com a ajuda de outras cidades suíças, havia recentemente se declarado independente do Santo Império Romano. Apenas dois meses antes, sob a liderança de Guilherme Farel

(1489-1565), a cidade havia aderido ao movimento protestante, pois precisava se libertar da influência da Casa de Savoia, de convicção católica. Quando Farel soube da presença de Calvino na cidade, insistiu veementemente para que permanecesse a fim de ajudá-lo no fortalecimento da Reforma. Calvino não desejava permanecer, pois queria um lugar mais seguro para continuar escrevendo, pensando que poderia contribuir mais para a obra protestante escrevendo do que liderando na prática. Porém, Farel ameaçou Calvino dizendo que Deus o amaldiçoaria se recusasse. Assustado, Calvino cedeu e permaneceu em Genebra. Ele tinha 27 anos nesse tempo.

Passou por momentos instáveis em Genebra em sua primeira estada, enfrentando conflitos pessoais e políticos, pois desejava ver a Reforma estabelecida de forma plena na vida da cidade. Calvino não conseguia separar a vida religiosa da vida civil. Juntamente com Farel, entrou várias vezes em conflito com as autoridades civis por causa disso. Quando, num certo momento, se recusou a distribuir os elementos da Ceia no domingo de Páscoa de 1538 em Saint-Pierre, foi convidado a se retirar da cidade com Farel. Naquele momento, Calvino se dirigiu para Estrasburgo, onde estava Martin Bucer (1491-1551), para viver os três anos mais felizes de sua vida (1538-1541), e os mais produtivos em termos de sua formação teológica. Em Estrasburgo, Calvino publicou uma edição revista e ampliada das *Institutas*, um comentário da carta aos Romanos e outras obras menores. Essa nova edição de sua obra magna demonstrou o amadurecimento intelectual e o sólido espírito teológico do reformador, bem como sua capacidade de relacionar a teologia com a cultura e com o dia a dia das pessoas, não fazendo da teologia uma obra de ascetas e distanciada do mundo. Em Estrasburgo, pastoreou uma igreja de refugiados franceses e teve uma das experiências pastorais mais importantes de sua vida. Durante esse tempo, se casou com Idelette de Bure, uma viúva, com a qual teve um filho que morreu na infância.

Ao ser chamado novamente para Genebra, depois de um tempo de incerteza, foi persuadido por Martin Bucer e retornou em 13 de setembro de 1541. Voltou com muito maior aceitação e em pouco tempo se tornou o mais importante líder religioso e mais conhecido intérprete bíblico de Genebra e de grande parte da Reforma Protestante. Foi nomeado pastor da antiga catedral de Saint-Pierre, tendo recebido uma boa casa e um bom salário. No primeiro domingo em que pregou, simplesmente retomou a exposição das Escrituras no ponto em que havia parado quando expulso três anos antes.

Calvino nunca desempenhou um ofício público em Genebra, sempre trabalhando no âmbito da igreja, porém influenciou todos os aspectos da vida da cidade. Seu desejo era colocar toda a vida econômica, social e cultural da cidade sob o senhorio de Cristo. Por essa razão, apresentou às autoridades as suas *Ordenanças Eclesiásticas* que requeriam a instalação dos quatro

ofícios de pastores, doutores, presbíteros e diáconos, que correspondiam às áreas de doutrina, educação, disciplina e ação social. O plano foi aprovado, porém nunca inteiramente praticado. Trabalhou também na recodificação da constituição de Genebra, tornando os estatutos da cidade mais humanos. Ajudou a negociar tratados e foi largamente responsável pelo estabelecimento de uma cidade próspera, especialmente no aspecto social. Como resultado, Genebra se tornou uma “república cristã”, que posteriormente o reformador escocês John Knox chamaria de “a mais perfeita escola de Cristo desde o tempo dos apóstolos”.

Um duro golpe para Calvino foi a morte da esposa em 1549. Contudo, Calvino continuou escrevendo comentários sobre a Bíblia e publicou textos sobre a totalidade das Escrituras. Em 1559, terminou sua última edição das *Institutas*, que foi a que mais lhe agradou, elevando-a à categoria de uma das obras teológicas mais importantes de todos os tempos. A partir daí, sua saúde começou a declinar. Calvino pregou seu último sermão em 6 de fevereiro de 1564 e morreu em 27 de maio do mesmo ano, sendo sepultado num cemitério comum, numa sepultura sem qualquer identificação, como ele próprio havia solicitado. O túmulo comum representava a humildade do reformador, mas não a grandiosidade de sua vida e a influência mundial de sua obra.

Segundo Timothy George, “o alcance internacional da teologia de Calvino e a extensão de sua influência pessoal podem ser captados apenas observando suas cartas” (1994, pág. 188). De fato, uma simples leitura de suas cartas demonstra a influência que ele exerceu ainda em vida sobre reis, príncipes, intelectuais e líderes religiosos dos mais diversos países. A partir de Genebra, o Calvinismo emergiu para se tornar um movimento internacional e, ainda durante a vida de Calvino, o Calvinismo havia se estabelecido em toda a Suíça, França, Holanda, Polônia, Hungria, Alemanha, Escócia e Inglaterra, apesar de Calvino pessoalmente nunca ter pretendido dar seu nome para um movimento.

Theodore Beza (1519-1605) foi quem continuou e consolidou a obra de João Calvino em Genebra. Beza ajudou a espalhar e consolidar a teologia calvinista por toda a Europa. Entretanto, o forte aristotelismo de Beza deu à teologia uma forma mais intelectual e um caráter mais racionalista do que pode ser encontrado nos escritos de Calvino.

A expansão do Calvinismo a partir de Genebra¹⁰

A partir de Genebra, o Calvinismo emergiu para se tornar um movimento internacional. Em todo aquele período inicial, Genebra, que estava livre do controle da França, dirigida eclesiasticamente por Calvino, funcionou como um ponto gravitacional para toda a Reforma na Europa. Antes de Calvino, a Reforma teve seu início em Zurique com Ulrich Zwínglio (1484-1531), e em

Genebra com Guillaume Farel (1489-1565). Este último foi quem convenceu Calvino a se estabelecer em Genebra para reformar a cidade. De fato, antes de Calvino chegar a Genebra, a cidade tinha se tornado protestante por questões políticas, a fim de se libertar da Casa de Savoia em 1536, mas era apenas nominalmente protestante. Em seus esforços para reformar a cidade de Genebra, Calvino estabeleceu os quatro ofícios: pastores, mestres, anciãos e diáconos. O pastor deveria pregar a Palavra de Deus, admoestar e exortar, bem como administrar os sacramentos. O mestre deveria ensinar a doutrina aos fiéis e preparar os jovens para o ministério e governo civil. Os anciãos deveriam vigiar a vida de cada homem, admoestar amavelmente aqueles que vissem levando uma vida desordeira e até mesmo levá-los à Assembleia que estava encarregada de aplicar a disciplina. Os diáconos deveriam cuidar dos pobres e dos doentes para eliminar a mendicância (Gamble, 1990, ver pág. 65). Segundo Walker, a intenção de Calvino em Genebra era “fazer de Genebra o modelo de uma perfeita comunidade cristã” (1983, pág. 77). De fato, a Reforma de Calvino em Genebra mudou totalmente a cidade. Uma forte disciplina eclesiástica foi estabelecida punindo severamente a imoralidade. Segundo Gamble,

O propósito de Calvino, de manter a disciplina dentro da cidade, era assegurar uma ajuda para a regeneração moral. Não havia separação em sua mente entre cristianismo e moralidade; uma cidade cristã não podia tolerar pecados tais como, por exemplo, a prostituição escancarada (1990, pág. 66).

É importante, entretanto, que se entenda que Calvino desejava uma separação radical entre Igreja e Estado, entendendo que cada um tinha sua própria esfera de ação. Isso certamente foi uma das maiores inovações do pensamento protestante. A igreja deveria ser governada pelo Conselho de Pastores, e a cidade, pelo Consistório. Por isso, a autoridade civil frequentemente atribuída a Calvino simplesmente não passa no teste histórico. Segundo Gamble, “qualquer ideia de que Calvino ou a igreja de Genebra controlava o governo civil não é correta” (1990, pág. 67). Por outro lado, o Consistório, responsável pelo governo civil, frequentemente desejava se intrometer nos assuntos da igreja.

Genebra se tornou um grande centro do protestantismo pelo sucesso com que a Reforma se estabeleceu na cidade, modificando toda a sociedade em todos os níveis. A academia de Genebra atraía alunos de todos os lugares. Os refugiados religiosos vinham de todos os países para se abrigar em Genebra e depois retornavam levando a sólida teologia calvinista. Esse provavelmente foi o maior movimento “missionário” do século 16. Segundo Gamble, “Genebra enviou um contingente de missionários bem treinados, especialmente para a França, mas, também, para lugares tão distantes quanto o Brasil” (1990, pág. 68).¹¹

Desde o início, o Calvinismo se preocupou com a expansão missionária. Leith diz:

Devemos notar que Calvino e os líderes reformados de Genebra estavam mais envolvidos no que se chama hoje de missões em casa. Nenhuma junta missionária jamais levou tão a sério a responsabilidade pelo estabelecimento de igrejas, pelo envio de pastores e pela abertura de novos trabalhos do que o consistório da igreja de Genebra sob a liderança de Calvino. Numa época em que as comunicações eram difíceis, o consistório de Genebra demonstrou admirável inteligência para perceber o que estava acontecendo nas cidades e na vizinha nação francesa, bem como nas comunidades protestantes de toda a Europa (1997, pág. 58).

É certo que as missões mundiais só se tornaram plenamente realidade no século 19, mas ainda nos tempos de Calvino, de algum modo, a obra missionária foi levada adiante, pois, como diz Walker,

A influência de Calvino se espalhou para além de Genebra. Graças à sua *Instituição*, seu modelo de governo eclesiástico na cidade, sua academia, seus comentários e sua constante correspondência, ele moldou o pensamento e inspirou os ideais do protestantismo da França, Países Baixos, Escócia e dos puritanos ingleses. Sua influência penetrou na Polônia e na Hungria, e antes de sua morte o Calvinismo lançou raízes na própria Alemanha sul-ocidental (1981, pág. 79).

Mesmo as missões do século 19 tiveram a forte influência do Calvinismo (Walker, 1981, ver pág. 222-226).

A preocupação de Calvino com a unidade da igreja

Ao mesmo tempo em que se preocupava com a expansão do movimento, Calvino desejava manter a unidade da igreja reformada. Calvino sempre se demonstrou solícito em dialogar e buscar a unidade dos protestantes. Em várias de suas cartas, Calvino demonstra o desejo de ver as igrejas reformadas unidas, encontrando um caminho para o diálogo entre as várias vertentes e cidades sob a Reforma (1980, ver pág. 45). Quando foi convidado pelo arcebispo Cranmer para uma reunião para tratar a respeito das divergências da Ceia do Senhor, com o objetivo de fazer um credo que fosse consensual para as igrejas reformadas, em sua resposta, a certa altura, Calvino disse: “Estando os membros da igreja divididos, o corpo sangra. Isso me preocupa tanto que, se pudesse fazer algo, eu não me recusaria a cruzar até dez mares, se necessário fosse, por essa causa” (1980, págs. 132-133). Anteriormente, ele já havia dito que os zwinglianos e os luteranos tinham errado em não entrar num acordo sobre esse tema. Ele comentou: “Erraram em não ter paciência para escutar-se a fim de seguir a verdade sem parcialidade, onde quer que se encontrasse” (Apud Packer,

1988, pág. 34). É claro que não se faria justiça ao ensino do reformador se fosse dito que ele era um ecumênico nos termos atuais. Calvino foi um reformador, ele criou uma igreja separada de Roma e não tinha a menor intenção de se reconciliar com o papado. Calvino tinha uma fixação pela verdade e um rigor pela precisão doutrinária. Ele com certeza não estava disposto a sacrificar a verdade pela unidade, porém, segundo Leith, dentro do possível, ele poderia até admitir alguns erros doutrinários menores dos outros para manter a unidade (1997, ver pág. 61). É claro que desde que não comprometesse o todo e não fossem assuntos referentes à salvação. Calvino entendia que uma igreja que mantivesse razoavelmente a pregação da Palavra e a administração dos sacramentos, mesmo que tivesse alguns problemas e pequenos desvios teológicos, ainda deveria ser considerada como verdadeira. Ele escreveu:

Pois se mantém o ministério da Palavra, tendo-a em alta estima, e tem a administração dos sacramentos, deve-se ter por igreja de Deus. Porque é certo que a Palavra e os sacramentos não podem existir sem produzir fruto. Desta maneira conservaremos a união da igreja universal (*Institutas*, IV, 1,9).

Logo em seguida ele repete a mesma ideia com mais detalhes:

É certo que onde quer que se escute com reverência a pregação do Evangelho e não se menospreza os sacramentos, ali há uma forma de igreja, de que se não pode duvidar, e não é lícito menosprezar a sua autoridade, ou fazer caso omisso de suas admoestações, nem contradizer seus conselhos, ou burlar suas correções. Muito menos será lícito afastar-se dela e romper sua união (*Institutas*, IV, 1,10).

Por outro lado, enfatizou que se uma igreja “pretende ser reconhecida como igreja não se pregando nela a Palavra de Deus, nem se administrando seus sacramentos, não tenhamos menor dificuldade de fugir de tal temeridade e soberba para não ser enganados com tais embustes” (*Institutas*, IV, 1,11).

Calvino sabia fazer distinção entre assuntos principais e assuntos secundários. Ele escreveu:

Porque nem todos os artigos da doutrina de Deus são de uma mesma espécie. Há alguns tão necessários que ninguém os pode pôr em dúvida como primeiros princípios da religião cristã. Tais são, por exemplo: que existe um só Deus; que Jesus é Deus e Filho de Deus; que nossa salvação está só na misericórdia de Deus. E assim outras semelhantes. Há outros pontos em que não concordam todas as igrejas e, contudo, não rompem a união da igreja. Assim, por exemplo, se uma igreja sustém que as almas são transportadas ao céu no momento de separar-se de seus corpos, e outra, sem se atrever a determinar o lugar, diz simplesmente que vivem em Deus, quebrariam estas igrejas entre si o amor e o vínculo da união, se esta diversidade de opinião não fosse por polêmica ou por obstinação? (*Institutas*, IV, 1,12).

Nisso, é possível perceber que Calvino estava disposto a tolerar divergência de opiniões, desde que não comprometessem o ensino central a respeito da salvação e dos meios de graça. Ele obviamente achava que as polêmicas causavam mais prejuízos, por isso admoestou os fiéis a se manter unidos na igreja:

É verdade que é muito melhor estar de acordo em tudo e por tudo; mas dado que não há ninguém que não ignore alguma coisa [nuvenzinha de ignorância], ou não poderemos aceitar nenhuma igreja, ou perdoaremos a ignorância aos que faltam em coisas que podem ignorar sem perigo algum para a salvação e sem violar nenhum dos pontos principais da religião cristã. Não é meu intento sustentar aqui alguns erros, por pequenos que sejam, nem quero mantê-los dissimulados e fazendo como se não os visse. O que defendo é que não devemos abandonar por qualquer dissensão uma igreja que guarda em sua pureza e perfeição a doutrina principal de nossa salvação e administra os sacramentos como o Senhor os instituiu. Do mesmo modo, se procuramos corrigir o que ali nos desagradou, cumprimos com nosso dever (*Institutas*, IV, 1,12).

Calvino estava disposto até a tolerar certas “extravagâncias” litúrgicas para o bem da unidade da igreja, como parte das cerimônias da igreja anglicana que ele considerava “toleráveis” (1980). Seu resumo de tudo isso é: “Quero dizer em poucas palavras que, ou renunciamos à comunhão da igreja, ou se permanecemos nela, não perturbemos a disciplina que possui” (*Institutas*, IV, 1,12).

Calvino adverte severamente contra aqueles que procuravam encontrar divisões nas igrejas a partir de um zelo irrefletido:

Este grande rigor e severidade, na maioria das vezes, nasce da soberba, arrogância e falsa santidade; não de verdadeiro nem de autêntico zelo dela [...]. Os homens malignos que por desejo de polêmica, mais que por ódio que podem ter contra os vícios, se esforçam em atrair a si os simples, ou em dividi-los, estão inchados de altivez, transbordando de obstinação, astutos para caluniar, ardendo em sedições, e pretendendo usar de severidade para que todo mundo creia que eles possuem a verdade; abusam para conseguir seus cismas e divisões na igreja, enquanto que a Escritura nos manda ter moderação e prudência na correção das faltas dos irmãos com amor sincero e união de paz (*Institutas*, IV, 1,16).

Sua conclusão novamente é curta e clara: “E finalmente, tenham em conta que, quando se trata de discernir se uma igreja é de Deus ou não, o juízo de Deus deve ser preferido ao dos homens” (*Institutas*, IV, 1,16).

Calvino fazia uma distinção entre a igreja visível e a igreja invisível. A igreja invisível era composta de todos os crentes verdadeiros em todas as eras, inclusive os que já estavam no céu. A igreja visível, entretanto, não era perfeita, pois havia muitos hipócritas nela que, segundo Calvino, “de Cristo não tinham outra coisa senão o nome e a aparência” (IV, 1,7). Assim, Calvino concluía que: “Da mesma maneira que estamos obrigados a crer na igreja

invisível para nós e conhecida somente de Deus, também se nos manda que honremos esta igreja visível e que nos mantenhamos em sua comunhão” (IV, 1,7). Isso o ajudava a entender as imperfeições na igreja visível e a tolerá-las.

Uma questão importante é que a “igreja” para Calvino e para os reformadores não era uma instituição definida em termos denominacionais, como se entende hoje, antes eles a definiram “em termos de ação de Deus no mundo e sacramento, e não em termos de estruturas ou de doutrina correta” (Leith, 1997, pág. 61). Assim, segundo Leith,

Este conceito de igreja permitiu que as comunidades reformadas reconhecessem os ministros, sacramentos e membros de outras igrejas. Nenhuma das principais comunidades cristãs tem sido mais ecumênica nesse sentido, ou mais aberta no reconhecimento de outros membros, sacramentos e ministérios cristãos (1997, pág. 61).

Portanto, vemos em Calvino uma mistura de precisão doutrinária e tolerância, um zelo por pureza e expansão da igreja, que não foi comum encontrar em outros líderes religiosos da história.